

Uma análise enunciativa da marca OVER: reflexões para o ensino de gramática

An enunciative analysis of over: reflections for teaching grammar

João Daniel Passarelli França¹
Academia da Força Aérea

Daniel Mateus O'Connell²
Academia da Força Aérea

Recebido em: junho de 2025.
Aprovado em: agosto de 2025.

Como citar este trabalho:

FRANÇA, João Daniel Passarelli; O'CONNELL, Daniel Mateus. Uma análise enunciativa da marca OVER: reflexões para o ensino de gramática. *Traços de Linguagem*, v. 9, n. 2, 34-41, 2025.

RESUMO: Este trabalho se insere no quadro teórico denominado Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), modelo desenvolvido pelo linguista francês Antoine Culoli (1990), na esteira das idéias de Émile Benveniste. Nossa proposta é usar o conceito culioliano de Noção para apresentar um novo enfoque para o que identificamos como uma abordagem excessivamente “instrumental” do ensino de línguas estrangeiras, presente, sobretudo, no ensino tradicional. Para este fim, fazemos uma análise de dez ocorrências da marca inglesa over, a qual representa um desafio didático devido à sua enorme polissemia. Esta análise tem o intuito de mostrar como o enfoque tradicional muitas vezes limita as possibilidades de aprendizagem do aluno. Ao final deste estudo, esperamos demonstrar que enunciação e ensino de gramática não são campos tão antagônicos como parecem e que, quando combinados, podem oferecer claros benefícios para o ensino de estruturas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa; over; Ensino; Domínio Nocial, Enunciação.

ABSTRACT: This paper is part of the theoretical framework known as Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), a model developed by the French linguist Antoine Culoli (1990), following the ideas of Émile Benveniste. Our proposal is to use Culoli's concept of Notion to present a new approach to what we identify as an excessively “instrumental” approach to teaching foreign languages, present, above all, in traditional teaching. To this end, we analyze ten occurrences of the English mark over, which represents a didactic challenge due to its enormous polysemy. This analysis aims to show how the traditional approach limits the student's learning possibilities. At the end of this study, we hope to demonstrate that enunciation and grammar teaching are not as antagonistic fields as they seem and that, when combined, they can offer clear benefits for the teaching of structures.

KEYWORDS: English language; over; Teaching; Notional Domain, Enunciation.

¹ João Daniel Passarelli França, doutor em linguística, e-mail: jdanieldpf33@hotmail.com, Academia da Força Aérea (AFA), Estrada de Aguaiá, s/n - Campo Fontenelle, Pirassununga SP, Brasil, CEP: 13643-000.

² Daniel Mateus O'Connell, doutor em educação escolar, e-mail: mateusoconnell@yahoo.com.br, Academia da Força Aérea (AFA), Estrada de Aguaiá, s/n - Campo Fontenelle, Pirassununga SP, Brasil, CEP: 13643-000.

Introdução

Escolhemos as preposições da língua inglesa como objeto de nosso trabalho por observarmos que elas têm um papel central na construção de sentido dos enunciados em língua inglesa. Em nosso modo de ver, essa importância das preposições é maior no inglês do que no português (PASSARELLI, 2021, p. 349). Um bom exemplo disso são os verbos de movimento. Em português usamos vários verbos para expressar a direção do movimento (para dentro, para fora, baixo etc.). Já em inglês, geralmente usa-se um único verbo e as orientações ficam todas a cargo das preposições, como ilustra o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Comparativo de preposições inglês/português

Português	Inglês
SUBIR	GO UP
DESCER	GO DOWN
ENTRAR	GO IN
SAIR	GO OUT

Fonte: Elaborado pelos autores

Além disso, uma enorme parte das ações em língua inglesa costuma ser expressa com o uso de preposições atreladas aos verbos, constituindo os chamados verbos frasais. Assim, temos verbos como *sign in* (acessar), *check in* (dar entrada), *check out* (dar saída), *bring up* (criar/educar) onde a ação é orientada pela preposição em negrito.

Apesar dessa enorme importância das preposições para a construção de sentido e apesar do *British National Corpus* (2000) registrar uma alta frequência do uso de verbos preposicionados, empiricamente, observamos uma baixíssima presença deste tipo de construções na produção oral e escrita de alunos brasileiros. Nossa hipótese é que este problema ocorre, sobretudo, pelo fato de a língua estrangeira ser ensinada através de uma concepção à qual Rezende (2008) denomina “instrumental”. Ao usar este termo, estamos nos referindo ao ensino pautado exclusivamente pelas necessidades imediatas do aluno – passar no vestibular, passar em um exame de proficiência, viajar para o país da língua-alvo, entre outros. É a prática de ensinar apenas as estruturas “necessárias” para estas situações. Portanto, deve ficar claro que “instrumental” neste texto não se refere ao ensino de termos técnicos ou qualquer coisa do tipo. Por esta razão usamos este termo sempre entre aspas.

É importante também deixar claro que não somos contra a escola atender as necessidades práticas de seus alunos. O que nos opomos é ao ensino baseado de forma exclusiva nestes fins. Nos opomos ao modo arbitrário como se determina que conteúdos são “úteis” para o aluno. Também nos opomos a forma os “objetivos” dos alunos estão frequentemente atrelados ao mercado de trabalho. Entendemos que boa parte dos jovens em idade escolar ainda não decidiu ainda seu rumo profissional. Ainda não sabem, portanto, o que será mais ou menos “útil” para si. Assim, esta forma de ensino acaba

sendo desmotivante para eles.

Como contrapeso a este ensino excessivamente “instrumental”, propomos o uso da enunciação pelo fato de esta priorizar o sentido sob a forma. Assim, para analisar os jogos de sentidos da marca *over* aplicaremos então o que Culoli (1990) denomina Noção.

Este trabalho se inicia por uma breve apresentação da TOPE seguida de uma apresentação mais detalhada dos conceitos de Noção e Domínio Nocional (DN). Em seguida, apresentaremos as dez ocorrências de *over* mencionadas no resumo e explicaremos, através do conceito de noção, a relação entre seus variados sentidos. Após esta análise, tecermos nossas considerações finais.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)

As ideias de Benveniste (1989) foram a base de praticamente todas as teorias de cunho enunciativo conhecidas dentro da linguística. Dentre as várias ramificações oriundas do trabalho deste autor está a TOPE, de autoria de Antoine Culoli. Ambos os autores enfocam de maneira central o que concebem como enunciado e os marcadores enunciativos. Entretanto, como explica Vogue (2011), Benveniste concebe a enunciação como um ato de apropriação da língua pelo sujeito. Já Culoli a enxerga como um processo que se recupera por meio do enunciado. Ele defende que a linguagem é uma atividade complexa de significação, estável e, ao mesmo tempo, deformável por meio dos agenciamentos das formas linguísticas e que a atividade do linguista, por excelência, consiste em “[...] apreender a atividade de linguagem através da diversidade das línguas naturais” (CULIOLI, 2000, p. 57). O autor explica que a “atividade de linguagem” se refere à produção e reconhecimento de formas, as quais só podem ser acessadas através dos textos orais e escritos. Saussure criou a célebre metáfora do jogo de xadrez, segundo a qual as regras do jogo seriam o sistema (*langue*) e os movimentos das peças pelos jogadores seria o uso desse sistema (*parole*). Com base nessa metáfora, podemos dizer que, grosso modo, o ensino “instrumental” tem dado prioridade ao sistema, ao passo que a proposta enunciativa é de dar mais atenção aos jogadores, suas intenções, suas construções mentais, como eles chegam ao sentido. Para entender este processo é necessário observar minuciosamente o agenciamento das peças. Essa observação é uma atividade linguístico-comunicativa chamada por Culoli de *atividade epilingüística*. Em síntese, a TOPE se utiliza das marcas textuais (pistas) para investigar a construção de sentido nas interações entre os falantes.

O modelo culoliano é sustentado por vários pilares. Além da supracitada atividade epilingüística (AE), temos ainda os conceitos de *repérage*, modalidade, aspecto, entre outros. Para que este texto não se torne excessivamente extenso, vamos enfocar aqui apenas aquele que tem sido o mais importante dentro da TOPE nas últimas décadas – o conceito de Noção (FRANCKEL; PAILLARD, 2011).

O conceito de noção

A Noção tem por finalidade gerar unidades léxico-gramaticais. Ela existe antes que as palavras se tornem categorias gramaticais. A noção é, sobretudo, um sistema complexo que organiza propriedades físico-culturais de natureza cognitiva. Ela vem representada entre barras como, por exemplo, /avião/. Isto representa um predicado em

potencial, ser avião. A noção possui uma certa estabilidade para que a comunicação seja possível. Porém, não é fixa. Ela varia de ocorrência para ocorrência. Deste modo, uma ocorrência de /avião/ é, ao mesmo tempo, específica e geral. É específica porque representa o conceito que seu enunciador tem de /avião/ e é geral porque possui propriedades em comum com todas as outras ocorrências de /avião/ (CULIOLI, 1999). Trata-se de uma abstração, da representação mental que os indivíduos têm de um conceito como avião.

A Noção refere-se a grupos como, por exemplo, “avião, aeronave, aeródromo, esquadilha”, entre outros. Ela não expressa quantidade nem qualidade e também não expressa valores como “bom” ou ‘ruim’.

Culioli (1999b) divide a noção em três áreas: interior, exterior e fronteira. Estas áreas são definidas pelas relações de identificação que possuem com uma ocorrência de base. O interior engloba tudo aquilo que se identifica com a ocorrência. Ex.: “uma avião de verdade”. Já o exterior é formado por tudo que não se identifica com a ocorrência. Ex.: “Não é um avião mesmo”. Por último, a fronteira é marcada, simultaneamente, por traços que se identificam e não se identificam com a ocorrência de base. Ex.: “Pode ser um avião”.

Portanto, para entendermos o que as variadas ocorrências de *over* têm em comum, será fundamental entender, sobretudo, o que vai no interior do Domínio Nocial desta marca.

Ocorrências de *over*

Nesta seção, apresentaremos dez ocorrências contendo cinco sentidos diferentes de *over*. Os sentidos estão marcados por A, B, C, D e E.

A – por sobre; acima (sem encostar no objeto que está abaixo)

1 – *The lamp hung over the table* (LONGMAN, 1998).

(A lâmpada ficava sobre a mesa)

2 – *The doctor leaned over the sick child* (LONGMAN, 1998).

(O médico se debruçou sobre a criança doente)

B – em cima de; sobre algo (neste caso, há contato com o objeto abaixo)

3 – *She put a blanket over the sleeping child* (OXFORD, 2024).

(Ela pôs um cobertor sobre a criança que dormia)

4 – *Daisy put her hand over her mouth to stop herself from screaming* (OXFORD, 2024).

(Daisy pôs a mão na boca para não gritar)

C – acabado; terminado

5 – *The dream is over, what can I say* (LENNON, 1970).

(O sonho acabou, o que eu posso dizer)

6 – *It must have been love, but it's over now* (GESSLE; PER, 1987).

(Deve ter sido amor mas agora acabou)

D – por causa de (indicador de motivo)

7 – Two young democratic stars collide over Israel and their party's future (FANDOR; NICHOLAS, 2023).

(Duas estrelas democratas brigam por causa de Israel e o futuro do seu partido)

8 – Man arrested over death of a hockey player is released on bail (MELLEY; BRIAN, 2023).

(Homem preso pela morte de jogador de hóquei é solto sob fiança)

E – durante; por um período de tempo; em

9 – *We'll discuss it over lunch* (LONGMAN, 1998).

(Vamos discutir isso durante o almoço)

10 – *Over the next few months, he seemed to change* (CAMBRIDGE, 2023)

(Nos meses seguintes ele pareceu ter mudado)

Análise das ocorrências

Como pudemos ver no item anterior, a marca *over* representa conceitos aparentemente totalmente distintos como acima, terminado e por causa de. Porém, se essas ideias são completamente diferentes, por que são representadas pela mesma marca? Para responder a esta pergunta, vamos retomar o conceito de Domínio Nocial para identificar o que pode haver em comum entre esses diferentes sentidos.

Segundo os dicionários utilizados em nossa coleta, o sentido primordial de */over/* é sobre, em uma posição superior. Esta seria a ideia que vai no interior desta noção. Partindo desta hipótese temos:

Nas ocorrências 1 e 2, a lâmpada e o médico estão acima da mesa e da criança respectivamente. Estão em uma posição superior.

Nas ocorrências 3 e 4, o sentido de */over/* é praticamente idêntico ao das ocorrências 1 e 2. A única diferença é que neste caso há contato entre os objetos acima e os objetos abaixo deles – o cobertor toca o corpo da criança e a mão toca a boca.

Já nas ocorrências 5 e 6 temos um caso bem mais complexo. A relação entre o interior de */over/* e o sentido dos enunciados não é tão facilmente identificada quanto nas ocorrências anteriores. Aparentemente, acima e terminado/acabado são ideias que não possuem relação alguma. Porém, se considerarmos que acima remete a um plano superior, podemos dizer que o sonho e o romance de 5 e 6 foram “para o espaço”, ou seja, desapareceram, não estão mais em nosso plano – algo semelhante a dizer que alguém “foi para o céu” indicando que a pessoa morreu (“acabou”).

Nas ocorrências 7 e 8 */over/* indica causa. Em 7, os democratas brigaram por causa de Israel e em 8 o homem foi preso por causa da morte de um jogador. Se analisarmos as duas situações, veremos que em ambas temos um elemento que serve de base para a briga e para a prisão. Israel, enquanto motivo, é a base para a briga dos dois políticos, é o que sustenta a disputa. Sem Israel não haveria a briga. Da mesma forma, a morte do jogador é a base para a prisão do homem da ocorrência 8. Assim, a briga e a prisão estão em cima destas bases na medida em que se apoiam nestes dois elementos. Temos portanto mais uma referência a um plano ou posição superior.

Em 9 e 10 vemos */over/* como indicador de passagem de tempo, remetendo à duração de um evento. Em 9 a discussão ocorrerá durante o almoço e em 10 a mudança ocorreu durante alguns poucos meses. Assim como o que ocorreu em 7 e 8, podemos ver

novamente uma relação de sustentação no sentido em que almoço e meses são a base para discussão e mudança. São nesses momentos que esses eventos ganham vida. Fazendo uma metáfora, podemos dizer que, assim como um leito que serve de base para o percurso de um rio, almoço e meses são base para o transcorrer da discussão e da mudança. Almoço e meses são, portanto, bases para os eventos discussão e mudança. Estes, portanto, estão em um plano superior, sustentados por aqueles que estão abaixo.

Considerações finais

Nosso objetivo era demonstrar como a enunciação pode contribuir para o ensino de gramática, tornando-o menos instrumental.. Para isso, utilizamos o conceito de Domínio Nocial, desenvolvido pelo linguista Antoine Culoli (1990) para explicar os diferentes sentidos da marca *over*. Para termos uma riqueza maior de exemplos, optamos por apresentar duas ocorrências de cada sentido ao invés de apenas uma.

Pudemos ver que, para entender a polissemia de /over/ é necessário descobrir o que há no interior desta noção – neste caso, o sentido de acima, em uma posição superior.

Pudemos ver também que existem vários sentidos que não são abordados no ensino tradicional. Em nossa pesquisa com os oito livros das séries *Interchange* (2017) e *American Language Course* (2014) não encontramos nenhuma menção aos sentidos apresentados nas ocorrências de 3 a 10. O que pudemos observar é que, de modo geral, *over* costuma ser ensinado nos níveis mais básicos e apenas com o sentido de “acima, sem ter contato com o que está embaixo”, como vimos nas ocorrências 1 e 2. Na Figura 1 abaixo temos um exemplo simples deste sentido sendo apresentado aos alunos:

Figura 1 – Exemplo de over no ensino básico



Fonte: Dreamstime.com

Para o ensino tradicional, pautado pelo instrumentalismo, este parece ser o sentido mais “útil” para o aluno. Ou seja, é tudo que ele precisa saber para trabalhar, viver em um país de língua estrangeira, passar em exames de proficiência, entre outras necessidades práticas. Porém, como vimos, há outros sentidos igualmente importantes e frequentes.

Como dito anteriormente, não estamos dizendo que o ensino de línguas não deva preparar o aluno para o mercado de trabalho, para viajar e para passar em exames. O que

buscamos demonstrar é que há um excesso de imediatismo nesta forma de ensinar, a qual acaba por limitar consideravelmente o que o aluno pode aprender. Ironicamente, este foco na “utilidade profissional” de um conteúdo acaba por prejudicar o aluno profissionalmente pois, muitas vezes o que ele deixa de aprender são enunciados que também ocorrem em situações de trabalho.

Vale ressaltar que para romper com esse modelo excessivamente instrumental é necessária uma boa dose de competência linguística (ALMEIDA FILHO, 2014) uma vez que o professor deve conhecer os diversos usos de uma marca. Vimos que também é necessária uma boa capacidade de abstração para poder entender os jogos de sentido que habitam os interiores das noções.

Finalmente, encerramos este texto na esperança de ter demonstrado que enunciação e gramática não são campos tão antagônicos como parecem e que, quando unem suas forças, podem trazer benefícios para o ensino de línguas. Esperamos também ter ajudado a compreender melhor a polissemia da marca *over* e ter despertado em nosso leitor o interesse pelo quadro teórico desenvolvido por Antoine Culoli.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I e II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BRITISH NATIONAL CORPUS CONSORTIUM. BRITISH national corpus: World edition. Oxford: Humanities Unit of Oxford University, 2000.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, 1999a. v.2.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel**. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999b.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'enonciation: operations et représentations**. Paris: Ophrys, 2000.
- FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Da cor das preposições em seus empregos funcionais. In: ROMERO, Márcia; BIASOTTO-HOLMO, Milenne (Org.). **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.
- LATHAM-KOENIG, Christina; OXENDEN, Clive. **American English File**. Coleção. 2nd edition. Practice. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- OVER. In: LONGMAN **Dictionary of Language and Culture**, p 962. Pearson. 1998.
- OVER. In: OXFORD **Learner's Dictionaries online**. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/over_1?q=over. Acesso em 18 jan. 2024.

PASSARELLI, João Daniel França; ONOFRE, Marília Blundi. Diálogos entre a enunciação e o estudo de língua estrangeira. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 337-356, abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/issue/view/71/85>. Acesso em 18 dez. 2023.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/issue/view/12>. Acesso em 25 abr. 2017.

RICHARDS, J. C.; HULL, J.; PROCTOR, S. **Interchange**. Coleção. 5th edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.